

A INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO DE GILBERTO FREYRE EM LEANDRO TOCANTINS E ARTHUR CÉZAR REIS (DÉCADA DE 1960)

Lauriano Miranda da Silva*

Alexandre Pacheco**

RESUMO. Neste trabalho temos o intuito de mostrar como os escritores Leandro Tocantins e Arthur Cezar Ferreira Reis foram influenciados pelo regionalismo de Gilberto Freyre ao terem incorporado em suas análises sobre a história da Amazônia posições e valores dos chamados setores tradicionais diante das forças sociais que emergiram no país a partir dos anos de 1930. Neste sentido, pretendemos discutir como Leandro Tocantins e Artur Cezar Ferreira Reis representaram na região Norte a força das idéias regionalistas, tradicionalistas e modernistas a partir do espírito literário que suas obras assumiram.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre, Leandro Tocantins e Arthur Cezar Reis.

O presente trabalho tem por objetivo mostrar as relações de Gilberto Freyre com os escritores Leandro Tocantins e Arthur Cezar Ferreira Reis e a recepção por parte destes das idéias de Freyre. Recepção que se constituiu em legitimação da chamada Lusotropicologia e sua relação possível com os estudos sobre a Amazônia nos anos de 1960.¹ Veremos também como essa recepção acabou por legitimar não só a figura de Freyre neste campo acadêmico, como também diante do poder de Arthur Reis² e Leandro Tocantins³, já que Gilberto Freyre teve uma longa correspondência com esses autores tanto no campo intelectual como no campo do poder.

Vejamos.

Leandro Tocantins prefaciando o livro “A Amazônia brasileira e uma possível Lusotropicologia”, publicado pela SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) em 1964, como resultado da conferência de mesmo nome realizada por Gilberto Freyre no Instituto de Antropologia Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, comenta que a Amazônia começaria a fazer parte do discurso de Freyre a partir dos trabalhos que passou a realizar na conferência “A Amazônia brasileira

e uma possível lusotropicologia”, pois, segundo Tocantins [...] “todos nós, amazônicos, que admiramos a obra de Gilberto Freyre, lamentávamos a sua não direi ausência, mas o seu critério em *passant* com relação à grande área do norte do país.”⁴

Mas quando Gilberto Freyre resolver realmente se interessar pela região amazônica?

Com a sua vocação regional e internacional, explica Tocantins, seria questão de tempo o autor de *Casa Grande e Senzala* se interessar pela grande região e seu imenso potencial ecológico.

Segundo Tocantins, parece que o interesse de Freyre sobre a Amazônia ganhou decisivo impulso depois de uma visita mais demorada a Manaus e Belém, que empreendeu no ano de 1958. Tocantins ainda acrescenta que: “É assim que em 1960 Gilberto Freyre já dizia, com ênfase, no prefácio de seu livro ‘Brasis, Brasil, Brasília’: ‘Nada de desprezarmos a Amazônia: sem um contacto com Manaus, Belém, a selva amazônica, ninguém pode considerar-se ou dizer-se completo em sua visão do Brasil’.”⁵

Entretanto, mais do que uma suposta viagem para a região, a conferência feita por Gilberto Freyre “A Amazônia Brasileira e uma possível luso-tropicologia” seria para Tocantins uma prova de que Freyre começou a:

[...] ver e a sentir uma área ecológica de nosso país com o seu agudo poder de observação e análise. Tratando-se de um assunto que toca diretamente à sensibilidade regional, a iniciativa está fadada a receber os aplausos de quantos esperam reunir em torno da Amazônia as inteligências mais lúcidas, como a de Gilberto Freyre, no propósito cívico de, através do estudo, da análise, da interpretação da região, trazê-la para mais perto do Brasil que ainda não chegou a descobri-la, a assegurar-lhe os meios seguros e hábeis para uma verdadeira integração regional no processo dinâmico da civilização brasileira.⁶

Dessa forma vemos como o enaltecimento da capacidade de observação, análise e sensibilidade no trato das questões regionais e o reconhecimento do talento individual de Freyre, que tanto impressionaram Tocantins, fornecem imagens do individualismo e do personalismo em relação ao escritor e à sua obra. Capacidades e talento capazes de impressionar Tocantins a ponto de chamá-lo de uma “das inteligências mais lúcidas” do Brasil, e, dessa forma, demonstrar o poder de representação não só de sua

obra, mas também do intelectual e do homem Gilberto Freyre sobre estudiosos da Amazônia como Tocantins, em plenos anos de 1960.

Esse enaltecimento do autor que se confunde com o homem público Gilberto Freyre se põe, entretanto, como uma das formas de manifestação da vida literária no Brasil desde os tempos do Império. Ou seja, a representação de uma cordialidade que ao se aproximar de certa intimidade entre os escritores empobreceria as discussões no campo literário.

Vejamos.

Segundo Flora Süssekind, citada por Castro Rocha, várias circunstâncias são definidoras da noção de vida literária no Brasil, entre elas, a censura, as polêmicas, o público, as formas de escrita, as opções de leitura. Mas, ainda, de acordo com Castro Rocha:

[...] com o mesmo propósito de delinear um sistema, Silviano Santiago identificou, na transformação da amizade em critério estético, a origem da “mediocridade fofocanta e (d)a miséria opinativa do meio intelectual brasileiro”.⁷

Neste sentido parece-nos que a tentativa da transformação da amizade em critério estético pode transmutar-se também para a cordialidade e a intimidade, que diante dos interesses de inserção dos escritores nos diversos campos intelectuais, faz apelo ao recurso excessivo do elogio como é o caso de Leandro Tocantins.

Miceli encontrou postura semelhante por parte de alguns escritores que no início do século XX celebraram figuras ligadas às oligarquias brasileiras, como Freyre:

[...] Este trabalho de celebração das oligarquias se materializava através de toda uma série de rubricas, comentários políticos, notas apologéticas e biográficas sobre as grandes figuras da oligarquia, “artigos de fundo”, “tópicos”, “ecos”, e sobretudo os editoriais. O posto de editorialista era muito cobiçado e, para inúmeros escritores, constituiu a ponte para iniciar uma carreira política. Os escritores engajados nessas tarefas viam-se obrigados a se identificar com os interesses políticos do jornal para qual trabalhavam; o êxito que alcançavam por meio de sua pena poderia lhe trazer salários melhores, sinecuras burocráticas e favores diversos.⁸

Assim é que Tocantins no final do prefácio que escreveu para a Conferência “A Amazônia brasileira e uma possível lusotropologia”,

novamente elogia Freyre. Conferência que foi editada pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, da qual o próprio Tocantins e Arthur Reis fizeram parte à época como burocratas. Elogios que giraram em torno das possibilidades que Freyre, a partir de sua lusotropicologia, forneceu para os estudos sobre a Amazônia, tanto do ponto de vista ecológico, como em relação a novos métodos e análises para poder compreender a sociedade amazônica. Tudo isso, ao mesmo tempo em que o personalismo do autor ligado à sua obra é também enaltecido quando Tocantins se reporta a uma “rica personalidade de Gilberto Freyre”.⁹

Tocantins ressalta:

Penso que o presente trabalho de Gilberto Freyre poderá abrir novos rumos para interpretação de fatos e problemas amazônicos, dentro do ângulo geográfico, sociológico, antropológico, econômico e histórico. Uma interpretação que seja ecológica lusotropicalista, da qual Arthur Cezar Ferreira Reis, como historiador por excelência da Amazônia, já reconheceu aplicabilidade na região, usando estas palavras no livro "Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte": "Quando Gilberto Freyre elaborou a tese vitoriosa do lusotropicalismo, evidentemente não pensara em termos de Amazônia. No entanto, a colonização portuguesa da Amazônia fora realizada dentro daquelas linhas de ação que a distinguiram por toda a parte onde a processaram, consagrando o acerto da teoria". Pois, senhores, está dito, aqui, em rápidas palavras, alguma coisa da rica personalidade de Gilberto Freyre, e, em especial, de sua teoria lusotropicalista que pela primeira vez ele aplica no processo de humanização da Amazônia. Não será justo adiar o prazer do leitor em conhecer sua "possível lusotropicologia" em relação ao espaço amazônico. Um "possível" que se torna em certeza. Ainda bem que todos nós podemos repetir certo crítico estrangeiro. "God be praised - Freyre can write". Graças a Deus, ele escreve muito sobre estes Brasis.¹⁰

47

Vejamos, entretanto, como Freyre a partir do campo da lusotropicologia se legitimou diante do poder ao se relacionar de forma personalista com outro intelectual voltado aos estudos amazônicos, Arthur Reis.

Gilberto Freyre na Conferência “A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia” comenta que:

Notável é a contribuição que para uma interpretação lusotropical da Amazônia hoje brasileira vêm trazendo o Professor Arthur Reis e seus discípulos. O historiador Arthur Cezar Ferreira Reis é especialista já antigo no estudo não só histórico-econômico como histórico-social de uma das mais importantes regiões não apenas brasileiras como lusotropicalis: a amazônica. Mas especialista em matéria regional que não se esquece do conjunto não apenas

nacional como binacional a que pertence a mesma matéria quer como paisagem, quer como história ou como cultura: resposta, primeiro portuguesa, depois lusobrasileira, ao desafio, ao homem civilizado, da selva mais agrestemente tropical com que se tem defrontado um povo moderno em qualquer parte do mundo.¹¹

Sendo que a partir dessas palavras, Freyre continua a rasgar elogios a Arthur Cezar Ferreira, afirmando que o mesmo naquele momento teria sido um [...] “historiador atento ao fato econômico tanto quanto ao político, ao traço social tanto quanto ao cultural, da formação brasileira da Amazônia que nos pertence”[...].¹²

Também procurou destacar como a interpretação de Reis sobre a Amazônia teria a influência dos chamados estudos lusotropicals, a partir de suas análises sobre a contribuição que o português e posteriormente o brasileiro teriam tido no processo de ocupação e conquista da Amazônia no decorrer de alguns séculos de colonização. Assim, de acordo com Freyre, os trabalhos realizados por Arthur Reis enquanto pesquisador a respeito do passado da Amazônia

[...] juntam-se aos do ecologista Gastão Cruels, aos do folclorista Peregrino Junior, aos do antropólogo Eduardo Galvão, aos dos geógrafos Gilberto Osório e Eidorf Moreira, aos do etnógrafo Frei Protásio Friel, aos do também historiador Leandro Tocantins, com afirmação de moderno domínio científico, do ponto de vista principalmente luso-americano ou especificamente brasileira, sobre a Amazônia: sobre a sua população considerada como objeto de estudo antropológico e histórico-ecológica. Sem esse estudo, dificilmente serão os problemas amazônicos encarados como merecem pelo governo brasileiro.¹³

48

A partir dos estudos de Reis sobre a Amazônia, Gilberto Freyre diz:

A Amazônia é decerto - mostram-no principalmente os estudos do Professor Arthur Reis - parte integrante do imenso mundo tropical que, na Sul América, representa grande parte de seu conteúdo espacial. "Não queremos deter-nos" - escreve a propósito o Professor Arthur Reis, a quem já pode ser dado o título de lusotropicalista - nos grupos de primitivos que nela viviam, a época da chegada dos luso-brasileiros e dos ingleses e holandeses que a pretenderam conquistar, ou nela ainda vivem, dispersos em pequenos núcleos que procuramos incorporar defendendo-lhes a cultura material e espiritual e assegurando-lhes direitos à existência.¹⁴

A importância do apoio de Arthur Reis para a ampliação de uma possível lusotropologia, estaria para Freyre ligada ao “critério antropológico-social, ou antropológico-cultural, de caracterização da Amazônia, como subárea brasileira”, critério que foi trabalhado por Reis em uma conferência no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.¹⁵

Freyre também comenta que Reis no Brasil era um pesquisador sintonizado com as peculiaridades amazônicas, justamente por ter exercido cargos importantes na administração pública local. De acordo com ele:

Seu conhecimento do extremo Norte do nosso País, revelado em obras valiosas, ganhou ultimamente em objetividade através do exercício de funções administrativas que para êle estiveram longe de ser apenas burocráticas: por algum tempo as de Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia; depois as de diretor de um Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, com sede em Manaus.¹⁶

Dessa forma, mais do que ter possuído experiências burocráticas em tais órgãos, Reis teria conseguido aliar sua experiência de estudioso para desempenhar ao seu modo, como indivíduo consciente e prático, ações objetivas a partir da realização de intervenções no ambiente amazônico, como foi o caso de suas contribuições não só para a criação da própria Superintendência do Plano de Valorização Econômica, como o fato de ter estado à frente da mesma como superintendente¹⁷ à época de Vargas.

Além disso, para Gilberto Freyre, em se tratando de assuntos tropicais Arthur Cezar Ferreira Reis foi liderança incontestável já que enquanto:

[...] um tropicólogo no momento em que vai se descobrindo que grande parte do futuro, não apenas brasileiro, em particular, porém humano, em geral, está ligado a espaços tropicais: à sua utilização, à defesa de sua ecologia, ao apreço pelos seus valores naturais e humanos. Se esse aspecto de sua competência dá ao seu brilhante desempenho intelectual, com projeções sobre orientações políticas, econômicas, culturais, uma atualidade importantíssima. Feliz o Conselho Federal de Cultura em vir contando com sua presença, participação, a sua voz. Voz de erudito que não se contenta em ser de gabinete mas vem projetando seu saber esclarecedor sobre atualidades nacionais.¹⁸

Os elogios que Freyre tece a Reis, entretanto, além de se colocar como manifestação da vida literária no Brasil como discutimos acima, nos dizem muito, por outro lado, sobre o campo das relações dos intelectuais e o poder.

Assim, vemos que as relações de Gilberto Freyre com Arthur Reis e Leandro Tocantins geraram além de cartas e elogios, a publicação de livro, como também o convite para que Arthur Reis participasse como conferencista dos seminários de lusotropicologia.

Segundo Miceli, esse tipo de legitimação intelectual e ética no campo das relações dos intelectuais em suas relações com a classe dirigente política, tornou-se requisito para que muitos escritores dispusessem de influência nas diversas esferas do poder de Estado a partir da era Vargas, como foi o caso de Freyre em sua relação com Reis e Tocantins. Sendo que a partir dos anos de 1950, ainda de acordo com Miceli, os trabalhos de colaboração das elites intelectuais revelaram-se de grande valor social para as classes dirigentes, a partir das recompensas que recebiam não só em termos pecuniários, mas, sobretudo em termos dos títulos e prestígio advindos muitas vezes de suas eleições para a Academia brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico, representações oficiais no Exterior, participação em colegiados internacionais, designações para a Ordem dos Advogados, comendas, etc, e que lhes revertiam lucros materiais e simbólicos.¹⁹

Se, por um lado, a lusotropicologia não deixou de reverter prestígio para Freyre junto ao poder a partir do personalismo praticado por ele diante de figuras como Arthur Reis e Leandro Tocantins; por outro, apesar da lusotropicologia ter sido afirmada, de acordo com Ribeiro, como sendo uma “policy science” que também teria como [...] “propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicais” [...]²⁰, não deixou de representar no campo intelectual e do poder, a manifestação do posicionamento de classe de Freyre.

Sobretudo se pensarmos que enquanto ciência ligada ao seu regionalismo representou a idéia de que deveria haver conciliação entre os setores tradicionais e as novas forças sociais emergentes (1930 em diante), em suas respectivas regiões, a partir, segundo Odeney de Souza Ribeiro, de uma

retomada do passado e dos valores tradicionais como fundamentos para uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos.²¹

Para concluirmos, por tudo o que foi exposto até aqui neste trabalho, por um lado, percebemos que a recepção, sobretudo da obra lusotropical de Gilberto Freyre por Leandro Tocantins e Arthur Cezar Reis ajudou a legitimar o personalismo, o individualismo e o espontaneísmo de autor ligado à sua obra. Sobretudo ao terem incorporado tais valores às suas obras sobre os problemas regionais amazônicos. Por outro lado, também ajudaram a legitimar o próprio homem Gilberto Freyre, seu posicionamento político e de classe diante do poder regional ao qual estiveram vinculados desde os anos de 1950. Sobretudo, vale ressaltar que, o personalismo de Freyre se postou como representação no campo da lusotropicologia dos valores elitistas de sua formação acadêmica, bem como a manifestação do posicionamento de classe de Freyre, já que enquanto ciência ligada ao seu regionalismo representou a idéia de que deveria haver conciliação entre os setores tradicionais e as novas forças sociais emergentes no país, em suas respectivas regiões, segundo Odeney de Souza Ribeiro, a partir de uma retomada do passado e dos valores tradicionais como fundamentos para uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos.

REFERÊNCIAS

- ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- FREYRE, Gilberto. A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia. Rio de Janeiro: **SPVEA**, 1964. 45p. Disponível em: <http://bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/como.htm>. Acesso em: 01 mai. 2010.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil**. 1920 a 1945. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1979.
- RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1992.

NOTAS

* Acadêmico do Curso de História e membro do Centro Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa do Imaginário Social da Universidade Federal de Rondônia. Email: lauryyano@gmail.com.

** Doutor em Sociologia, professor do Departamento de História e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa do Imaginário Social da Universidade Federal de Rondônia. Email: nelsonfonseca4@hotmail.com.

¹ A lusotropicologia seria para Freyre “uma ciência que pode tornar-se policy science no seu aspecto mais nítido de ciências orientadora da ação: ação de Estadista, de Administradores, de Diplomatas, de Missionários, de Educadores, de Industriais, de Agricultores. Neste caso, ciência que orienta, sem aceitar de quem que quer seja a encomenda ou tarefa de prover ou suprir homens de ação de matéria apenas conveniente aos seus propósitos, em vez de esclarecedora, orientadora e até modificadora de decisões ou atitudes.” FREYRE, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4ª Ed, José Olympio/MEC, Rio de Janeiro, 1973. P.49.

De acordo com Ribeiro, “a lusotropicologia enquanto policy science tem como propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicals. [...] A lusotropicologia não é somente uma ciência, é também uma filosofia social e política que visa conciliar o regional e o universal através de uma federação de cultura de origem predominantemente, mas não exclusivamente, lusa.” RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999. P.37

² Arthur César Ferreira Reis nasceu em Manaus no de 1906, foi um político e historiador brasileiro. Autor de diversas obras, governou o estado do Amazonas de 29 de junho de 1964 (apontado pelo presidente Humberto Castelo Branco para substituir o governador anterior) a 31 de janeiro de 1967. Direcionou seus estudos e conhecimentos a serviço de uma causa: a Amazônia. Foi membro do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), do IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas) e da AAL (Academia Amazonense de Letras). Desempenhou várias funções públicas no país. Dentre elas, foi superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (atual SUDAM), diretor do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA/CNPq), e delegado do Brasil em várias conferências de âmbito internacional. Lecionou na EBAP (Escola de Administração Pública) da FGV (Fundação Getúlio Vargas) - RJ e do mestrado em História da UFF (Universidade Federal Fluminense), em Niterói. Ver Wikipédia.

³ Leandro Tocantins nasce em 1928 em Belém, Estado do Pará. Formou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dedicou-se às Letras, como escritor, ensaísta, historiador e poeta. Sua obra é toda dedicada à Amazônia. Bolsista do Governo dos Estados Unidos frequentou curso de planejamento regional e administração na Universidade de Vanderbilt (Nashville, Tennessee), estagiou em instituições administrativas e culturais Norte-Americanas, foi Assessor do Professor Arthur Cezar Reis na Direção Geral do Departamento Nacional da Indústria do Ministério da Indústria e Comércio. TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992. P.9

⁴ FREYRE, Gilberto. A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia. Rio de Janeiro: **SPVEA**, 1964. 45p. Disponível em: <http://bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/como.htm>. Acessado em 01/05/2010. P.3

⁵ Idem, p.3.

⁶ Idem, p.3-4.

⁷ ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 151-152

⁸ MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil**. 1920 a 1945. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1979.

⁹ FREYRE, op. cit., p.3-4.

¹⁰ Idem, p.5.

¹¹ Idem, p.5.

¹² Idem, p.6.

¹³ FREYRE, loc. cit.

¹⁴ Idem, p.9.

¹⁵ Idem, p.7.

¹⁶ FREYRE, loc. cit.

¹⁷ De acordo com Robério Braga: Seu reencontro mais íntimo com o Amazonas fez-se por caminhos políticos. Getúlio Vargas governava o país, na fase da democracia-constitucional, e em 1952 organizou Comissão Técnica que estudasse a valorização econômica da Amazônia. Arthur Reis a secretariou. Destes estudos resultou a criação da SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização da Economia da Amazônia, da qual foi Superintendente por mais de dois anos (1953-1955), quando promoveu com eficiência, programas concretos que visavam o aprofundamento das questões inerentes ao nosso verdadeiro desenvolvimento. Estudou a região, e despertou o interesse de outros estudiosos. Despertou o Brasil para a realidade que a região representa no quadro histórico da vida nacional. Igual postura manteve quando na direção do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), intensificando a formação de uma consciência brasileira sobre a importância da região amazônica, e suas verdadeiras potencialidades. Para ler mais sobre a biografia de Reis ver Robério Braga na Hemeroteca Arthur Reis.

¹⁸ Trecho de matéria de jornal publicado no início da década de 1970 sem referência do local e data.

¹⁹ Anos mais tarde, na década de 1970, ambos, Freyre e Reis, participariam do Conselho Federal de Cultura.

²⁰ RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999, p.37.

²¹ RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999.